

RIO DAS LÁGRIMAS SECAS

Por Luana Cabral

"Ninguém vai lembrar que ali existiu uma comunidade"

O desastre ambiental provocado pela Samarco após o rompimento da barragem de Fundão, em Minas Gerais, é o ponto de partida para *Rio das Lágrimas Secas*, que busca remontar os efeitos da tragédia na vida de algumas mulheres integrantes de três pequenas comunidades atingidas pela lama e pelos efeitos de um dos maiores crimes ambientais já ocorridos na história do país. Difícil imaginar como um curta-metragem poderia lançar mão de um desastre de proporções tão grandes valendo-se de uma abordagem documental, que implicaria, de certa maneira, no reportar dos fatos que a sucederam e em parte de seus desdobramentos. Consideremos, ainda, que este é um desastre em movimento, e que multiplica seu impacto ao longo do tempo, enquanto a lama avança geograficamente e se intensifica na qualidade de risco à saúde das pessoas e do meio-ambiente.

De maneira precisa, o filme se vale justamente das porosidades da estrutura própria ao documentário para deixar-se atravessar pelos depoimentos e gestos das mulheres com as quais está lidando. Qualquer desejo autoral, portanto, se diminui frente à potência de uma forma que prova neste caso específico a sua relevância indefectível nos terrenos da estética e da política e como telefone-sem-fio entre esses dois campos. Ninguém se esquecerá dessas mulheres postas frente ao Rio Doce, agora contaminado e sem peixes, todas juntas a olharem para uma parte de seu mundo e de sua comunidade que já não mais vive; nem o mais distraído espectador, nem o olhar mais fugidio e desinteressado, escapará do tempo e do silêncio compartilhados naquele momento. Porquanto o tempo não se vê, não se ouve, talvez possa, com muito custo e a partir de uma insistência interior do próprio e anterior à nossa vontade, se tocar, ou sentir na pele, como é, aqui, o caso.

É evidente que o que move a luta das mulheres de Bento Rodrigues, Regência e da Aldeia Krenak - Keilas, Marias, Simones, Kátias, Andreias, Cida, Olívias, Simárias e tantas outras - é a falta de uma paisagem cuja relação com essas mulheres ultrapassa até mesmo os limites da afetividade, traduzindo-se por vezes em algo espiritual e, imediatamente, em todos os casos, num meio de sobrevivência, numa forma particular de existir que se encontra agora interrompida. E é preciso insistir, como aponta uma das personagens, no fato de que essa paisagem não continua linda. A pertinência de um certo tom claro de marrom e da característica geral de cor lavada dos planos que compõem o Rio das Lágrimas Secas inscrevem na retina a paisagem inóspita, árida, infértil e seca a qual essas moradoras foram forçadamente introduzidas e, não obstante, a qual vamos nos aproximando a partir do que elas próprias nos dizem. E o respeito pelas linhas que se formam no rosto dessas mulheres, conforme elas nos dizem aquilo que dizem, com a dificuldade com que dizem, por dentro de alguém, por dentro de mim, se agiganta.